

HENRI GUILLAUMET

Da Laguna Diamante à salvação.



APRESENTAÇÃO

Este escrito tem por escopo atualizar e enriquecer a narrativa do acidente aéreo do aviador francês Henri Guillaumet, na Laguna Diamante, com novas informações, para atender o interesse de leitores que têm nos livros *Nas Asas da Linha do Tempo – Saint-Exupéry e os Companheiros da Aéropostale*, 4ª edição 2025 e, *AVIAÇÃO – Sonhos, dramas e aventuras*, 1ª edição 2024, essa história. Neste documento, fazendo uma analogia da época para os dias atuais, com imagens desconhecidas e outras atualizadas farão parte desse documentário, o que dará uma visão real dos diferentes momentos vividos pelo aviador que, a partir de um voo desastrado, vai enfrentar o que, talvez, conforme suas palavras, “... *nenhum bicho conseguiria fazer o que eu fiz*”. Essa história comovente aconteceu há 95 anos e, ainda hoje, desperta no leitor um sentimento de profunda piedade pelo personagem,

¹ Foto: Google Imagens.

Em 1929, Henri Guillaumet foi escolhido por Jean Mermoz para fazer a ligação, pela Aéropostale, da rota mais desafiadora entre o Chile e a Argentina. Quando fazia sua 92ª travessia sobre a temida Cordilheira, sofreu um acidente às margens da Laguna Diamante. Ainda hoje, é motivo para que historiadores, jornalistas, aviadores e aventureiros subam ao topo das montanhas para conhecer aquele belo e mágico cenário.

Com o intuito de celebrar os 95 anos da salvação do aviador francês, esse documento apresenta, além de fotos da época, imagens colhidas recentemente durante uma viagem do autor à Reserva Laguna Diamante.

Da Laguna Diamante, onde Guillaumet ficou refém das montanhas, até o local junto à pequena Villa San Carlos, onde foi resgatado pelo amigo Saint-Exupéry, o aviador percorreu um longo trajeto que hoje faz parte de um verdadeiro roteiro turístico cultural para aqueles que buscam conhecer essa epopeia, cujas marcas fazem parte dos registros históricos na província de Mendoza.

Do momento em que Guillaumet deixou a Laguna Diamante com o firme propósito de buscar socorro, seu maior desafio foi suportar temperaturas negativas durante as nevascas na sua longa e difícil caminhada. Entrecortada de montanhas cobertas por uma grossa camada de neve, de repente o aviador encontrou um pequeno córrego que passou a seguir. Era o formador do Arroyo Yaucha que o levaria à planície do Valle de Uco, ao sul de Mendoza. Aquele arroio foi o caminho que o salvou depois de caminhar durante cinco dias e quatro noites até ser encontrado por um garoto de 14 anos de idade que vivia nos contrafortes da Cordilheira.

PARTE I

A ODISSEIA

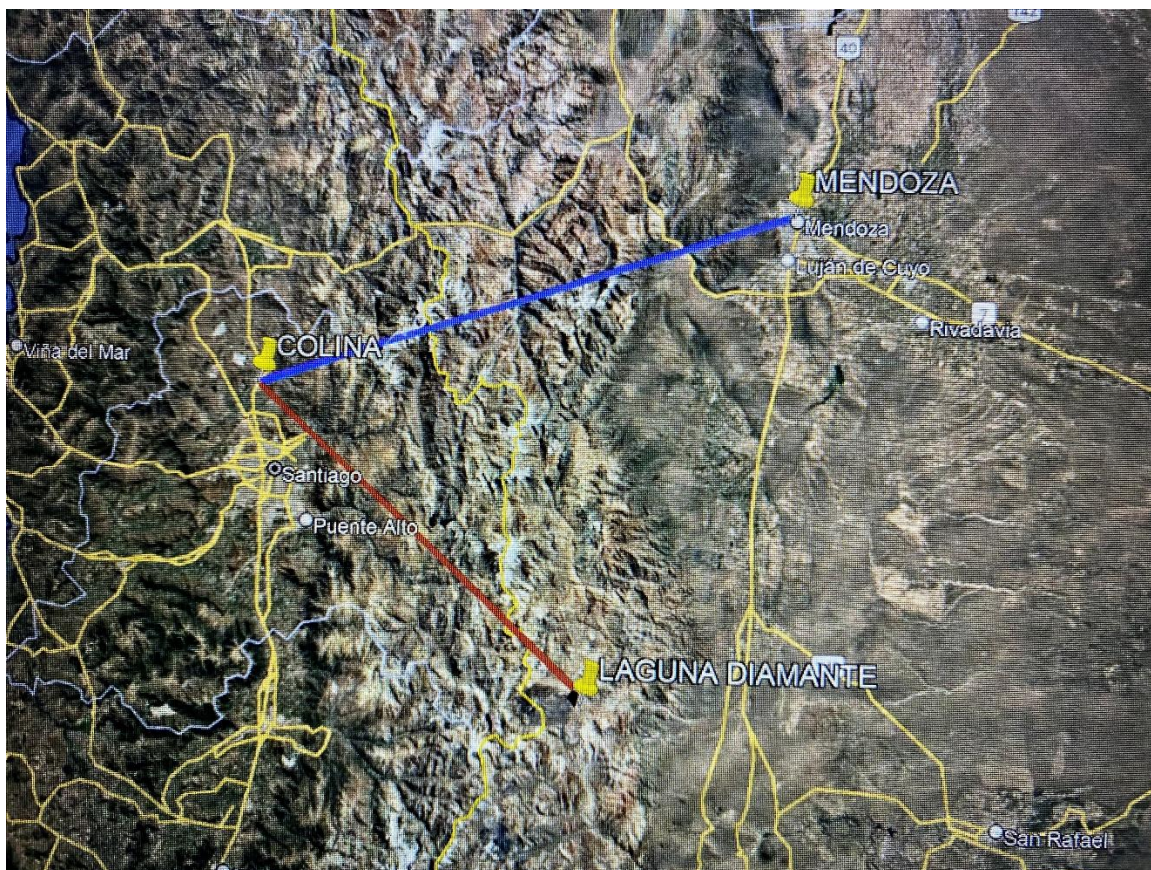


Fig. 1 – A rota da Cordilheira. Fonte: Google Imagens.

O traço em azul, que une Colina (CH) a Mendoza (AR), corresponde ao trajeto que Henri Guillaumet deveria seguir para levar a carga postal com destino à Europa. No dia 12 de junho de 1930, decolou com o Potez-25, prefixo F-AJDZ, para cruzar a Cordilheira dos Andes em voo direto a Mendoza, um segmento de 180 km com passagem sobre o Passo do Cristo Redentor. Uma tempestade de neve sobre as montanhas o impediu de seguir em frente. Prudente, retornou à sua base na pequena cidade de Colina. No dia seguinte, 13 de uma sexta-feira, Guillaumet decolou novamente. No entanto, como a tempestade persistia, o aviador optou por uma nova alternativa, fazendo um longo desvio pelo setor sul (traço em vermelho), onde poderia encontrar uma passagem segura.

Guillaumet elevou-se a 6.500 metros de altitude e passou a navegar sobre uma extensa camada de nuvens. Desconhecendo o que se passava abaixo, de um golpe seu avião foi tragado para dentro de uma tempestade. Desgovernado, despencou 3 mil metros, quando saiu visual justamente sobre a Laguna Diamante. Vendo-se cercado por montanhas, e não havendo alternativas para evadir-se, Guillaumet decidiu voar em círculo até à pane de combustível. Isso lhe asseguraria, durante o pouso, em caso de

acidente, ocorrência de um incêndio. Aos primeiros sinais de falta de combustível, optou por aterrissar sobre um terreno plano às margens da Laguna. Infelizmente, a espessa camada de neve segurou o avião durante a corrida, que acabou capotando. Guillaumet se viu de cabeça para baixo suspenso pelo cinto de segurança, felizmente sem ferimentos. Após o pouso catastrófico, um novo capítulo iria se iniciar.



Fig. 2 – Base da Aéropostale em Colina, Chile. Fonte: Delay, P.

Em 1929, a Aéropostale já havia se estabelecido em território chileno, o que seria o extremo de uma das mais longas rotas aéreas do mundo, na época. No mês de setembro daquele ano, ela inaugurava o primeiro correio chileno com destino à Europa. Na capital Santiago, em Los Cerrillos, havia um aeródromo, onde operava um aeroclube que dividia espaços com a principiante aviação militar. A Aéropostale, desejando uma operação independente, comprou uma grande terreno na pequena cidade de Colina, 30 quilômetros ao norte de Santiago.

Como em todas as suas bases, desde Natal, no Brasil, ao Chile, Marcel Bouilloux-Lafont² mandou vir da França o que de melhor havia em estruturas metálicas para a instalação de hangares e outras construções. Pelas suas qualidades em superar grandes altitudes, o Potez-25 foi a aeronave escolhida para cruzar a Cordilheira dos Andes. Naquela base foram efetivados três aviões desse modelo, para serem utilizados exclusivamente na rota Colina – Mendoza. Em 1933, depois de findas as operações pela Aéropostale, a base de Colina foi assumida pela Air France, sua sucessora. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, a Air France suspendeu seus voos para a América do Sul. As operações seriam retomadas somente após o término do Conflito. Com a chegada de grandes aeronaves de alcance intercontinental, a Air France passou a operar no aeroporto internacional de Santiago. Em negociação com o Governo, o aeródromo de Colina passou a ser usado como uma Base da Força Aérea Chilena.

² Presidente da Aéropostale.

Naquele antigo aeroporto, ainda hoje, encontram-se preservados hangares e estruturas originais, quase centenárias.



Fig. 3 – Um pequeno hangar construído pela Aéropostale em 1929, ainda pode ser visto em Colina. Foto: Norberto Traub e Juan Carlos Bascuñan. (2023).



Fig. 4 – Henri Guillaumet, de costas, agasalhado a rigor, vai partir a Mendoza. Fonte: Deley, P.



Fig. 5 - Guillaumet no posto de pilotagem de um Potez-25.

À retaguarda, a carga postal. Fonte: Deley, P.



Fig. 6 – Um Potez-25 sobrevoa a Cordilheira dos Andes durante um inverno. Fonte: Deley, P.

Esse era o cenário da rota sobre a Cordilheira dos Andes. Em muitos segmentos era necessário seguir níveis de voo abaixo dos grandes picos montanhosos. Henri Guillaumet transportava regularmente cargas postais que saíam do Chile com destino à Europa. Numa primeira etapa, ligava Colina a Mendoza. Nesta cidade, a carga postal

era transferida para um avião Laté-26, com o qual Guillaumet seguia até Buenos Aires. Ao receber a carga postal da Europa, no sentido oposto, alguns dias depois fazia o caminho inverso para entregar o correio aos chilenos.

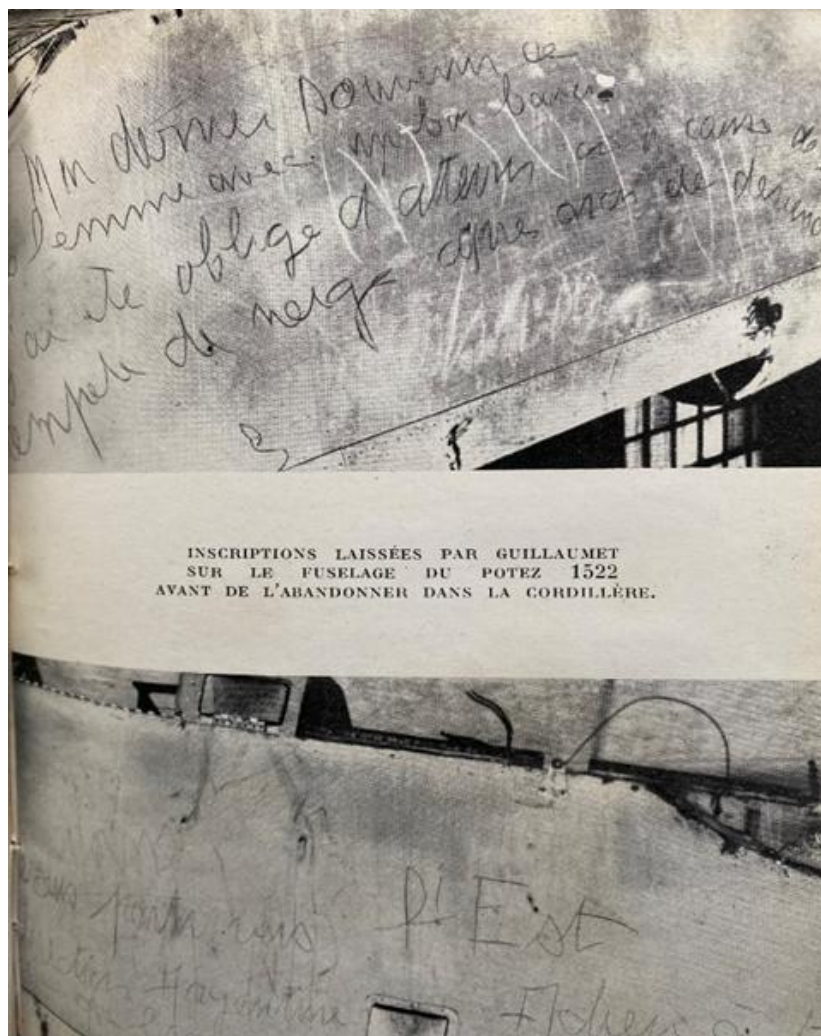


Fig. 7 – Um recado de Guillaumet. Fonte: Migeo, M.

Após o acidente, vendo-se prisioneiro da Cordilheira, Guillaumet permaneceu por dois dias abrigado no próprio avião. Ali permaneceu até passar a tempestade e a meteorologia dar sinais de que poderia empreender uma fuga em busca de socorro. Antes de abandonar seu habitáculo, na falta de um lápis, catou em meio à neve um fragmento de rocha pontiagudo e escreveu na fuselagem do seu “pássaro ferido” um recado: “*Não tendo sido encontrado pelo avião,³ caminho na direção leste*”. Decidido, tomou uma maleta com objetos pessoais e alguns víveres e iniciou seu calvário.

³ Avião de socorro.



Fig. 8 – Assim ficou o Potez-25 depois de virar de dorso na neve. Fonte Angel, R.



Fig. 9 – O avião sendo recuperado. Fonte: Mossé, C.

Com o avião em posição restabelecida, mecânicos, auxiliados por cidadãos argentinos, se preparam para a desmontagem da aeronave, cujas peças serão transportadas cordilheira abaixo.



Fig. 10 – Caravana de socorro. Fonte: Deley, P.

Como que por um milagre, após uma semana do acidente, Henri Guillaumet estava salvo. Sem que seus parceiros soubessem de seu paradeiro, se estava vivo ou definitivamente desaparecido, de repente, a notícia de que ele havia sido encontrado se espalhou mundo afora. Foi então que, a partir daquele momento, a empresa francesa decidiu recuperar o avião acidentado. Era uma questão de tempo, pois teriam que aguardar o fim do inverno para retornar à Laguna Diamante.

O avião, juntamente com a carga postal, somente seria recuperado meses mais tarde com o retorno do verão. O mecânico Jean-René Lefèbvre, chefe da Aéropostale no aeródromo de Mendoza, organizou uma “expedição” formada por um grupo de peões argentinos para reitar a aeronave das montanhas.

Depois de 40 dias, em árduo trabalho, desmontaram o Potez e o transportaram em carretas puxadas por pares de mulas para depositá-lo na Estação ferroviária de Eugenio Bustos. Embarcaram a aeronave em um trem para levá-lo a Buenos Aires, onde foi recuperado. Com o fim da Aéropostale em março de 1931, o Potez-25 F-JADZ ainda continuaria sua brava missão por vários anos na rota da Cordilheira, agora sob controle da Air France. Henri Guillaumet deixou o Chile, em 1934, quando retornou à França para assumir as rotas do Atlântico com destino aos Estados Unidos e ao Brasil.



Fig. 11 – Fuselagem do Potez-25 parcialmente desmontada que será tracionada por mulas em mais de 120 km até a Estação Ferroviária de Eugenio Bustos. Fonte: Mossé, C.



Fig. 12 – Eugenio Bustos, Departamento de San Carlos, coração do Valle de Uco, que faz lembrar dos famosos vinhos de Mendoza. Foto do autor (2025).



Fig. 13 – Antiga estação ferroviária de Eugenio Bustos.

Foto do autor (fevereiro de 2025).

Assim como no Brasil, que no passado teve uma respeitada e estruturada rede de transporte ferroviário, a Argentina também teve importantes vias férreas em seu país. Na década de 1930, a Província de Mendoza mantinha em grande atividade uma rede ferroviária que se estendia ao Sul pelo Valle de Uco, bem como uma linha internacional com o Chile, operado pelo famoso *Transandino*. No povoado de Eugenio Bustos havia uma estação de trem que atendia o centro sul da Província. Atualmente, aquela estação ainda existe e, como uma testemunha que resiste ao tempo, hoje é ocupada como residência familiar. Ela é a prova dos tempos em que trens de passageiro e de carga conectavam Mendoza com a capital Buenos Aires, entre outras distantes regiões do país. De acordo com o Professor Alberto Piattelli⁴, “*essa ferrovia foi inaugurada em 1923 e teve seu auge na década de 40. A partir de 1956, com o advento do transporte automotor, que permitia levar as cargas porta a porta, e com o avanço do transporte de passageiros, o movimento do trem foi decaindo até a sua desativação em 1960*”.

⁴ Prof. Alberto Piattelli é um reconhecido historiador no Valle de Uco. Vive na Villa San Carlos.

PARTE II

CONHECENDO A LAGUNA DIAMANTE - 22 de fevereiro de 2025.



Fig. 14 – Mapa do Departamento de San Carlos, Província de Mendoza. Fonte: Diário Los Andes e Municipalidade de San Carlos. (2025).

Mapa⁵ do Departamento de Villa San Carlos com seus distritos. Pareditas, o maior deles, com seu imenso território, abrange, no extremo oeste, grande porção da Cordilheira dos Andes, onde abriga o Parque Provincial Laguna Diamante.

⁵ Figura 14.



Fig. 15 – O acesso ao parque se dá pela Ruta 98. Foto do autor (2025).



Fig. 16 – Controle de ingresso ao Parque Provincial Laguna Diamante. Foto do autor (2025).



Fig. 17 – Alerta aos visitantes. Foto do autor (2025).



Fig. 18 – Pampa de Los Paramillos é uma área de coxilhas encaixadas entre as montanhas, a mais de 3.700 metros de altitude. Foto do autor (2025).



Fig. 19 – A caminho da Laguna Diamante, cruza-se o Arroyo Yaucha, curso d' água que levaria Guillaumet ao Valle de Uco, Mendoza (ARG). Foto: do autor (2025).



Fig. 20 – Cenário do Arroyo Yaucha no alto da Cordilheira. Foto do autor (2025).



Fig. 21 – Chegando à Laguna Diamante. Aos fundos, o magestoso vulcão Maipo. Foto do Autor (2025).



Fig. 22 – Saudação aos turistas que chegam à Laguna Diamante. Foto do autor (2025).

Junto à placa, o amigo e cicerone Prof. Alberto Piattelli, grande entusiasta da Laguna Diamante. É um dedicado estudioso dos fatos históricos que marcaram o Valle de Uco, onde vive. Tem publicado na Argentina, entre tantos outros fatos históricos, também um longo artigo sobre o drama vivido pelo aviador francês, Henri Guillaumet. A

ele devo muito sobre o sucesso das minhas investigações, quando em 2017, visitei o Museu da Municipalidade de Villa San Carlos, onde reuni valiosos elementos para escrever o capítulo “Yo Soy el aviador perdido”, que está no livro *Nas Asas da Linha do Tempo – Saint-Exupéry e os Companheiros da Aéropostale*, 4ª edição, do autor, 2025.



Fig. 23.1 - Em primeiro plano, um memorial no local exato onde Guillaumet sofreu o acidente com o Potez-25. Foto do autor (2025).



Fig. 23.2 – Placa alusiva à memória de Guillaumet. Foto do autor (2025).

TRANSCRIÇÃO

NO DIA 13 DE JUNHO DE 1930, HENRI GUILLAUMET DECOLOU DE SANTIAGO ÀS 11h30min PARA MENDOZA. DEPOIS DE 3h35min DE VOO, O PILOTO DA COMPANHIA FRANCESA AÉROPOSTALE SE ACIDENTOU NESTE PRECISO LUGAR EM MEIO A UMA TEMPESTADE DE NEVE.

ILESO, GUILLAUMET DECIDIU IR EM DIREÇÃO À ARGENTINA. CAMINHOU 5 DIAS E 4 NOITES EM CONDIÇÕES DESASTROSAS E SEM VÍVERES, CONSEGUINDO CHEGAR PRÓXIMO DO POVOADO DE PAREDITAS EM SAN CARLOS AO SUL DE MENDOZA ONDE UM TROPEIRO O RECOLHEU.

A SEU AMIGO SAINT-EXUPÉRY, O PRIMEIRO A IR A SEU ENCONTRO, GUILLAUMET CONFESSOU: “VEJA, O QUE EU FIZ, TE JURO, NENHUM ANIMAL CONSEGUIRIA FAZER ISSO”.

HENRI GUILLAUMET DESAPARECEU EM VOO, NO DIA 27 DE DEZEMBRO DE 1940 NO MAR MEDITERRÂNEO, COM A IDADE DE 38 ANOS.

A AIR FRANCE EM ASSOCIAÇÃO COM A FEDERAÇÃO DE ANDINISMO DO CHILE, CLUBE ANDINO DE WECHUPUN, CLUBE ANDINO DE CHIQUILLAN E A UNIVERSIDADE DO CHILE, DEDICA ESTA PLACA COMEMORATIVA A UM DOS PILOTOS MAIS CORAJOSOS DA AVIAÇÃO FRANCESA.

LAGUNA DIAMANTE, 6 DE DEZEMBRO DE 1998.



Fig. 24.1 - Argentina, Chile e França rendem homenagem a Henri Guillaumet em um memorial ao aviador junto à Laguna Diamante. Foto do autor (2025).

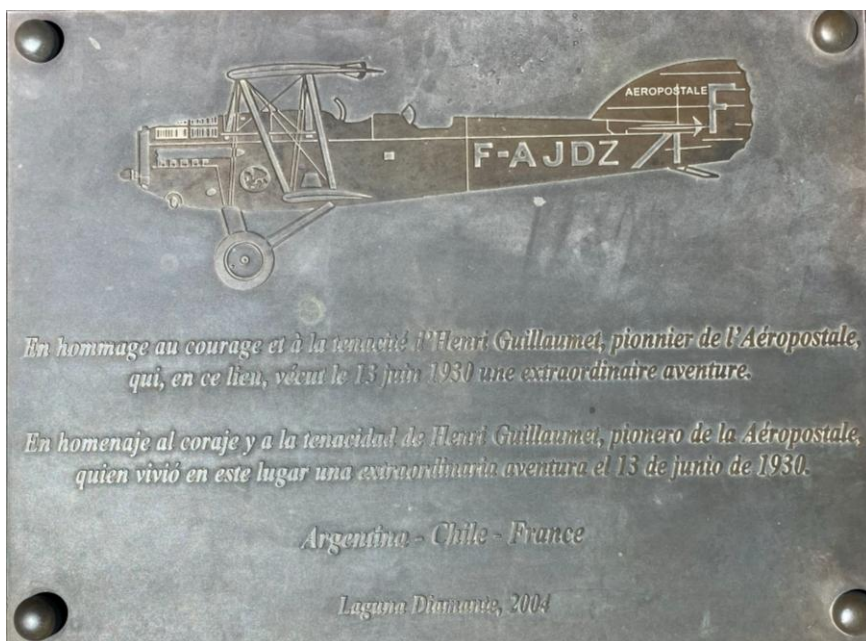


Fig. 24.2 – Inscrição em Francês e Espanhol na placa do memorial da fig. 24.1.

Foto do autor (2025).

“Em Homenagem à coragem e à tenacidade de Henri Guillaumet, pioneiro da Aéropostale, que, neste lugar, viveu no dia 13 de junho de 1930 uma extraordinária aventura”

Argentina – Chile – França.

Laguna Diamante, 2004



Fig. 25 – Retornando da Laguna Diamante. Aos fundos a planície argentina.

Foto do autor (2025).



Fig. 26 – Deixando o Parque Laguna Diamante. Foto do autor (2025).



Fig. 27 – Baixada dos Pescadores. Foto do autor (2024).

Esse foi o último cenário⁶ antes de Guillaumet abandonar a Cordilheira. Nos fundos do vale, que vem do alto da Cordilheira, corre as águas do Arroyo Yaucha. Conhecido como “Baixada dos Pescadores”, o lugar situa-se nos contrafortes das montanhas e a planície argentina. Quando Guillaumet chegou a essa região, sentiu que a salvação se aproximava. À noite avistava luzes de carros a distância. A paisagem ganhou novas dimensões diante do vasto vale que se estendia a perder de vista.

Depois de caminhar em torno de 60 Km, tendo como “rota de fuga” um curso d’água, o aviador deixou definitivamente as montanhas. Quando se abaixou para tomar água no riacho, percebeu na margem oposta um garoto que o admirava espantado. Aos gritos e agitando um cachecol branco, Guillaumet bradava: “*Yo soy el aviador perdido*”. Temendo que fosse um louco, o garoto de 14 anos de idade, que se chamava Juan Gualberto Garcia, saiu em disparada ao encontro de sua mãe, dona Manuela Romero de García. Enfim, Guillaumet havia sido encontrado.

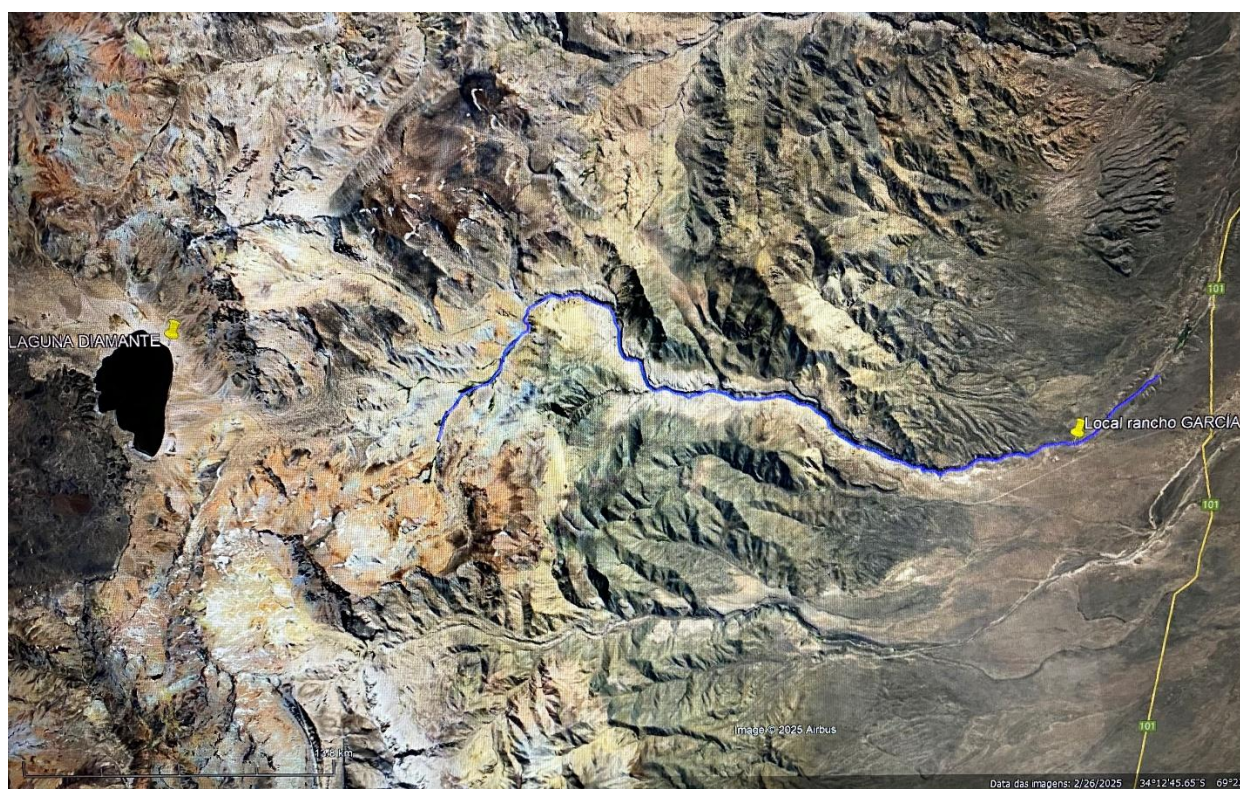


Fig. 28 – No mapa, o ícone amarelo indica o local do rancho dos García. Foto: Google Earth.

⁶ Figura 27.

O ícone amarelo corresponde às coordenadas geográficas: 34° 14 '32 ' ' Lat. Sul / 69° 15 '22 ' ' Long. Oeste, de acordo com Viviana Estrada, turismóloga que vive em San Carlos, corresponde ao local onde Guillaumet foi resgatado e acolhido no rancho dos García.



Fig. 29 – Enfim, Guillaumet foi encontrado. Fonte:

Diário Los Andes — 20 de junho de 1930.



Fig. 30 – Rancho da família García, o primeiro refúgio humano de Guillaumet.

Foto: Museu Air France. Gentileza: Prof. Alberto Piattelli.



Fig. 31 - Sra. Manuela Romero de Garcia. Foto: Museu Air France.

Gentileza: Museu Histórico da Municipalidade de Villa San Carlos.

Dona Manuela, com auxílio do filho, levou o avião montado em uma mula para o seu rancho onde deu guarida e passou a cuidar dos ferimentos.



Fig. 32 – Do rancho, apenas vestígios de uma memória. Foto: Viviana Estrada.

A notícia de que o aviador estava vivo se espalhou rapidamente. Em Mendoza, Saint-Exupéry, que há dias vasculhava de avião a Cordilheira à procura do amigo, imediatamente decolou acompanhado de um mecânico para ir ao encontro do sobrevivente. Ao se aproximar de Villa San Carlos, avistou ao longe um carro que se deslocava sobre uma estrada empoeirada. O automóvel que levantava poeira transportava Guillaumet.

Saint-Exupéry escolheu um campo natural ao lado do caminho e, servindo-se de um espaço limitado, ali pousou. Naquele encontro, tomados pelo sentimento de piedade, próprio do ser humano, os dois amigos abraçaram-se longamente e silenciosos, choraram.



Fig. 33 - Juan Gualberto García, aos 95 anos de idade. Acervo do Museu Histórico da Municipalidade de Villa San Carlos (2017).



Fig. 34 – Juan Gualberto García ladeado pelo presidente francês, Jacques Chirac. Acervo: Museu da Municipalidade de Villa San Carlos.

Por seu gesto altruísta, Juan Gualberto García foi condecorado em 2001, na França, com a medalha do Mérito Aeronáutico por ter salvado um cidadão francês longe da sua pátria. Em 1930, Juan Gualberto era apenas um garoto de 14 anos de idade. A salvação de Guillaumet se deve a ele e sua mãe, que resgataram o avião em estado deplorável às margens do Arroyo Yaucha. Adulto, dedicou sua vida ao artesanato em couro, vivendo seus últimos anos na cidade de Mendoza. Faleceu em 2011, aos 95 anos de idade, na simplicidade, assim como quando cuidava de suas cabras, na adolescência.

MEMORIAIS NO VALLE DE UCO

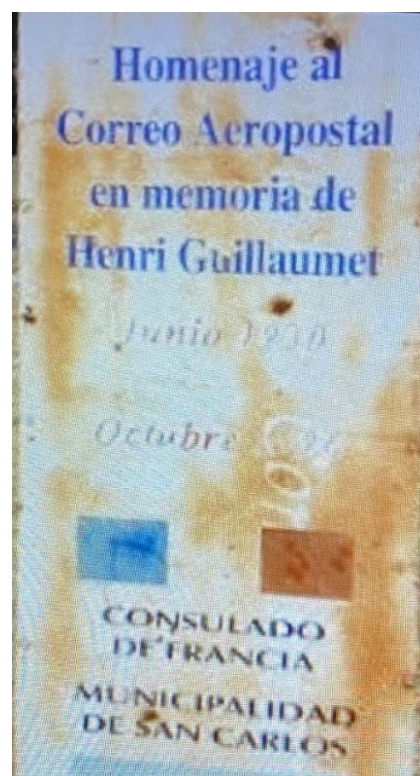


Fig. 35 – Memorial construído em Pareditas, Villa San Carlos. Fotos do autor (2025).



Fig. 36 – Monumento dedicado ao encontro de Saint-Exupéry com Guillaumet.

Foto: Prof. Alberto Piattelli (2024).

Esse monumento foi construído junto à cidade de San Carlos, ao lado da Ruta 92, próximo do local onde Saint-Exupéry aterrissou com um Laté-25 para recolher Guillaumet que foi levado imediatamente mente para um hospital em Mendoza.

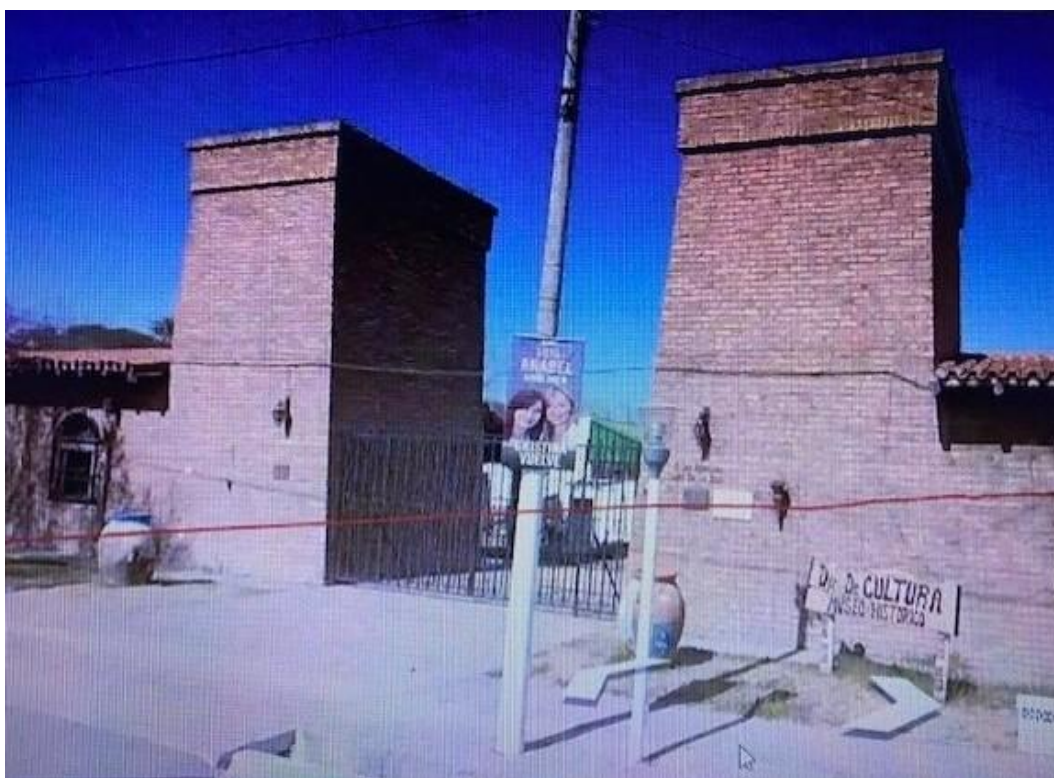


Fig. 37 – Museu da Municipalidade de Villa San Carlos. Foto do autor (2022).

Historiadores e jornalistas de diversos países se dirigem ao Museu de Villa San Carlos para colher elementos que tratam do acidente de Henri Guillaumet. Este pequeno museu conserva em seu acervo importantes registros sobre uma das histórias mais emblemáticas que marcou a região no ano de 1930. Na atualidade, o Museu da Municipalidade é uma referência e continua sendo um dos estabelecimentos públicos mais procurados quando se trata de investigação ligada ao heroico aviador que, espantosamente, para assombro dos companheiros, sobreviveu a um dos mais cruéis calvários para não morrer congelado durante sua longa marcha, naquele inverno rigoroso.

Se Henri Guillaumet sobreviveu heroicamente a essa tragédia, que quase lhe custou a existência, infelizmente, 10 anos mais tarde, em 1940, aos 38 anos de idade perdeu a vida ao ser metralhado durante uma batalha aérea, da qual não participava, durante a II Guerra Mundial. Guillaumet realizava um voo com uma aeronave civil sobre o Mar Mediterrâneo quando levava uma autoridade pública para o Líbano.

“Esse aviador, que tinha aversão à política, um homem de caráter exemplar, franco e corajoso, ainda muito jovem teve seu fim de forma injusta depois de ter escapado da morte quando protagonizou um pouso forçado no alto da Cordilheira dos Andes. Não morreu em acidente aéreo por pane ou por erro de pilotagem. Perdeu a vida pelas armas dos homens que lutavam por ódio, esta desgraça humana que acaba em guerras”.

POR| Teomar Benito Ceretta*

*Membro Correspondente do Instituto de Investigaciones Histórico Aeronáuticas de Chile.

FONTES DE PESQUISA

ANGEL, René. *Pierre Deley pionnier de l' Aéropostale*. Portet-sur-Garonne: Loubatières, 2005.

CERETTA, Teomar Benito. *Nas Asas da Linha do Tempo – Saint-Exupéry e os Companheiros da Aéropostale*. Florianópolis: 4ª edição, do autor, 2025.

MIGEO, Marcel. *Henri Guillaumet*. Paris: Éditions B. Arthaud, 1949.

MOSSÉ, Claude. *Mécano de Saint-Exupéry*. Paris: Éditions Ramsay, 1984.

PIATTELLI, Alberto. *Henri Guillaumet en San Carlos – Mendoza. Una História de Coraje, Solidariedad y Amor*. Monografia. Villa San Carlos, 2020.

https://www.google.com/search?q=memorial+henri+guillaumet+em+pareditas+san+carlos+a+argentina&sca_esv=ee6cb94ecd22e525&hl=pt-BR&sxsrf=AE3TifO8GbUR4nXzPWCIPtkse5dH1NywKA:17651069.

2025, Teomar Benito Ceretta

Todos os direitos reservados.